

A música tem o poder de transcender gerações, fronteiras e contextos socioculturais. Poucas bandas exemplificam esta força de forma tão evidente quanto o grupo sueco ABBA, cuja trajetória iniciada em 1972 permanece viva através de tributos musicais, musicais teatrais e, mais recentemente, experiências digitais imersivas como o espetáculo ABBA Voyage. A longevidade do impacto cultural do ABBA não se restringe ao entretenimento. Ela evidencia-se também nos campos da saúde mental, da memória coletiva e da economia criativa.

A psicologia da música tem revelado que músicas associadas a momentos significativos da vida — como as do ABBA — funcionam como potentes evocadores de memória autobiográfica. Janata (2023) explica que ouvir músicas emocionalmente relevantes ativa o córtex pré-frontal medial, região do cérebro associada à construção do self, à emoção e à identidade. Este tipo de evocação musical, longe de ser um simples exercício nostálgico, possui implicações terapêuticas profundas, especialmente em populações idosas ou com declínio cognitivo.

Garrido e Davidson (2019) destacam que músicas com valor afetivo elevado funcionam como marcadores mnemônicos, facilitando o acesso a memórias associadas à juventude, à família e a marcos culturais. Neste sentido, os tributos ao ABBA operam como rituais coletivos de reativação emocional e identidade partilhada. Não se trata apenas de uma homenagem artística, mas de uma prática cultural que fortalece vínculos emocionais em contextos de instabilidade social.

Em estudos voltados para a saúde mental, Garrido e Schubert (2022) argumentam que a nostalgia musical pode ser um recurso eficaz na redução da ansiedade e da depressão. A música, neste contexto, serve como um mediador simbólico entre passado e presente, promovendo continuidade identitária e estabilidade emocional. Hicks et al. (2023) reforçam esta ideia ao demonstrar, em estudo experimental, que a exposição a músicas nostálgicas — especialmente da juventude — promove relaxamento, reduz marcadores de stress e gera sentimentos de segurança emocional.

Durante a pandemia de COVID-19, observou-se um aumento significativo no consumo de playlists nostálgicas. A necessidade de reconexão com tempos mais estáveis e emocionalmente seguros levou muitas pessoas a revisitarem músicas como “Dancing Queen” ou “The Winner Takes It All”. Este movimento espontâneo de retorno à música do passado é um indicativo claro da função reguladora que a nostalgia musical exerce na saúde

mental contemporânea.

Por outro lado, os tributos ao ABBA também representam uma inovação dentro da economia criativa. O espetáculo ABBA Voyage, lançado em Londres em 2022, foi pioneiro ao empregar tecnologia de avatares digitais — os chamados “ABBAatars” — que simulam performances ao vivo dos membros do grupo. Lundberg e Frost (2024) descrevem esta experiência como uma “digitalização da nostalgia”, onde a autenticidade emocional do espetáculo não depende mais da presença física dos artistas, mas da sua ressonância afetiva com o público. O sucesso comercial do projeto é incontestável: ultrapassou 100 milhões de libras em receitas no primeiro ano, tornando-se um caso de referência em monetização de memória cultural.

Esse modelo de espetáculo, além do impacto financeiro, demonstra como o patrimônio imaterial pode ser transformado em produto cultural com alta atratividade para públicos multigeracionais. Carr e Moore (2020) enfatizam que tributos musicais não são apenas reproduções de repertórios antigos, mas verdadeiros atos de recriação cultural que mantêm vivo o legado artístico de grupos icônicos. Ao serem adaptados para novos formatos e tecnologias, estes tributos promovem simultaneamente conservação e inovação.

A transmissão cultural entre gerações é outro aspeto central desse fenómeno. Jovens que não vivenciaram o auge do ABBA conhecem a banda por meio de seus pais ou avós, muitas vezes através de tributos ou adaptações cinematográficas como Mamma Mia! Esta experiência de descoberta mediada cria pontes afetivas entre gerações distintas, fortalecendo a noção de herança simbólica. Anderson (2022), ao investigar o comportamento de fãs de longa data, demonstra que a música pop funciona como um arquivo emocional, contribuindo para a continuidade das narrativas identitárias ao longo da vida.

A presença dos tributos também se estende ao campo educativo e formativo. Ao mobilizar memória, emoção e performance, os espetáculos e musicais baseados no repertório do ABBA tornam-se experiências ricas em conteúdo cultural, favorecendo a construção de valores estéticos, afetivos e históricos. Além disto, reforçam a importância do patrimônio musical como parte integrante da identidade coletiva de uma sociedade.

A combinação entre emoção, tecnologia e economia também revela o potencial transformador da música na esfera pública. Ao conjugar inovação tecnológica com memória afetiva, os tributos ao ABBA atualizam a ideia de espetáculo musical e expandem as possibilidades de acesso à cultura. O uso de inteligência artificial, projeções digitais e

ambientes imersivos no ABBA Voyage exemplifica como o entretenimento pode ser repensado como experiência multissensorial e interativa.

Por fim, os efeitos terapêuticos da música não se restringem ao ambiente clínico. O simples ato de assistir a um espetáculo tributo, cantar com desconhecidos, reviver lembranças ou dançar com familiares pode funcionar como mecanismo de autorregulação emocional. Em tempos de crescente ansiedade social, estes momentos coletivos de partilha sonora tornam-se cada vez mais relevantes. A música, como mostram os estudos de Särkämö, Tervaniemi e Huotilainen (2023), pode ser uma intervenção não farmacológica eficaz, promovendo bem-estar, conexão social e preservação cognitiva.

Assim, o tributo ao ABBA revela-se como uma prática cultural de alta complexidade: celebra o passado, ativa memórias, gera valor económico e promove saúde emocional. Ao unir nostalgia e inovação, tradição e tecnologia, os tributos deixam de ser apenas performances de homenagem e tornam-se estratégias poderosas de preservação simbólica, educação intergeracional e regeneração afetiva.

#### Referências Bibliográficas

Anderson, T. (2022). *Still kissing their posters goodnight: Lifelong pop music fandom*. University of Sunderland. <https://sure.sunderland.ac.uk/id/eprint/3325/>

Carr, P., & Moore, A. (2020). *The Bloomsbury handbook of rock music research*. Bloomsbury Academic.

Garrido, S., & Davidson, J. W. (2019). *Music, nostalgia and memory*. Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-02556-4>

Garrido, S., & Schubert, E. (2022). Music-induced nostalgia: A review of its therapeutic potentials. *Psychology of Music*, 50(1), 35-54.

Hicks, A., Smith, M., Johnson, L., & Weaver, J. (2023). Musical nostalgia and psychological well-being: Evidence from a randomized study. *Journal of Music Therapy*, 60(2), 123-140.

Janata, P. (2023). Music and the self: Neuroscience perspectives. *Frontiers in Human Neuroscience*, 17, 11245.

Lundberg, J., & Frost, M. (2024). ABBA Voyage and the digitalization of nostalgia in the music

industry. *Popular Music and Society*, 47(4), 589–605.

Särkämö, T., Tervaniemi, M., & Huotilainen, M. (2023). Music-based interventions in dementia: A meta-review. *Frontiers in Aging Neuroscience*, 15, 11761.